

## MICROTEXTUALIDADE E TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA: ESCOLHAS LINGUÍSTICAS, IMPLÍCITOS E INTERTEXTUALIDADE NA CONSTRUÇÃO ARGUMENTATIVA EM UM *POST* DO *INSTAGRAM*

Ana Lucia Tinoco Cabral\*  
altinococabral@gmail.com  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

---

**Resumo:** A dinâmica circulação dos textos nas redes e as diferenças entre os atores inerentes à produção textual desse contexto, produtor e leitor, colocam em destaque a importância da escolha das palavras, que se articulam entre si e articulam as partes do texto (Adam, 2021, 2022) construindo o todo textual, o que diz respeito à microtextualidade. Este trabalho tem por objetivo observar como os fenômenos ligados à microtextualidade, em especial ligações fundamentadas no implícito, contribuem para a construção argumentativa de um texto que circula nas redes sociais, considerando a importância das escolhas linguísticas na produção textual em uma sociedade em que as redes sociais dominam as interações humanas. Para tanto, apresenta-se a análise de um *post* do *Instagram*. As análises centram-se em alguns marcadores de argumentação, conteúdos implícitos e intertextualidade, considerando as categorias propostas por Philippe e Adam (2015) e reafirmadas por Adam (2021, 2022). O estudo de caso apresentado traz perspectivas para os estudos da construção textual argumentativa em uma sociedade em que as redes sociais dominam as interações humanas.

**Palavras-chave:** Microtextualidade; argumentação; escolhas linguísticas; implícitos; intertextualidade.

### 1 Introdução

O amplo desenvolvimento das Tecnologias Digitais de Informação e de Comunicação (TDIC), no século XXI, com a rápida disseminação dos dispositivos móveis e das redes sociais, transformou profundamente as formas de interagir, colocando a produção escrita e, por consequência, a leitura no centro das interações.

---

\* Doutora em Língua Portuguesa pela PUCSP (2005). Realizou estágio de pós-doutoramento na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, do qual resultou o livro “A força das palavras” (Contexto, 2010). É pesquisadora colaboradora do IP-PUCSP e coordenadora do GTLTAC (Grupo de Trabalho Linguística de Texto e Análise da Conversação), ANPOLL (2018-2021; 2021-2023; 2023-2025). Suas pesquisas inserem-se área da Linguística Textual, em confluência com a linha teórica da Semântica Argumentativa e os estudos da Linguística da Enunciação. Atua nos seguintes temas: linguagem argumentativa, interação verbal escrita, linguagem jurídica, polidez linguística e uso da linguagem em ambientes digitais.

Acrescente-se que o texto escrito ainda é a forma mais frequente de manifestação dos usuários na rede (Paveau, 2015), o que, de um lado, concede importância à produção textual, à escrita de um lado e à leitura de outro. Vale lembrar que os textos escritos são lidos por alguém e, nas redes sociais, essa leitura acontece, na maioria das vezes, de forma diferida no tempo e deslocada no espaço, o que pode conduzir a incompreensões e mal-entendidos decorrentes das escolhas linguísticas do produtor, ou de alguma falta de conhecimento por parte do leitor.

Philippe e Adam (2015) postulam que tanto no processo de escrita como no de leitura, acontece um julgamento de textualidade, baseado em um triplo sentimento, segundo eles, de conectividade, de coesão e de coerência. Destacando a descontinuidade inerente a todo texto, imposta pela segmentação deste partes diversas, parágrafos, períodos e mesmo palavras, os autores lembram que as “unités textuelles sont, sur la base des instructions données par divers marqueurs, reliées entre elles par des *opérations de liage* qui fabriquent le continu textuel sur le discontinu” (Philippe; Adam, 2015, p. 45-46). Os autores propõem seis categorias de fenômenos ligados à conectividade textual no nível da microtextualidade, tanto no nível interfrástico como no interperiódico: conectividade e coesão semânticas; conectividade sustentada por marcas de conexão; ligações operadas pela materialidade significativa; coesão e transição enunciativas; laços entre atos de discurso; ligações fundamentadas no implícito (Adam, 2021). As seis categorias postas pelos autores evidenciam a importância das escolhas linguísticas na composição textual.

O fato é que a produção de um texto está voltada para a realização de um querer dizer de um produtor, o qual, conforme já defendemos em trabalhos anteriores (Cabral, 2013a, 2013b, 2016, 2017), opera escolhas de palavras e as articula compondo o todo textual orientado por suas intenções de dizer de acordo com o contexto em que atua e conforme o leitor por ele projetado (Maingueneau, 1996). Do ponto de vista do leitor, esta procura reconstruir as intenções de dizer do produtor e, para tanto, recorre ao produto textual, articulando-o a seus conhecimentos de diversas ordens, suas intenções de interação diante do texto, seus objetivos de leitura e o contexto do texto. A leitura de um texto escrito, acontece, na maioria das vezes, sem a presença do produtor, do que decorre que, não raro, o leitor pode construir sentidos diversos das intenções de dizer do produtor. Além disso, nas redes sociais, em que o dinamismo da circulação de notícias e a velocidade das interações é muito grande,

muito do que se “diz”, ou seja, muito do que se escreve, é carregado de implícitos, recuperáveis, com frequência, por outras manifestações que circulam nas próprias redes. Essa dinâmica circulação das redes e as diferenças entre os dois atores inerentes à produção textual, produtor e leitor, ressaltam a importância da escolha das palavras, que se articulam e articulam as partes do texto (Adam, 2011, 2021, 2022) construindo o todo textual, o que diz respeito à microtextualidade.

Essa breve reflexão inicial nos conduz à pergunta que orienta este trabalho: como a Teoria da Argumentação na Língua pode contribuir para o estudo dos fenômenos ligados à microtextualidade em textos que circulam nas redes sociais? Assim, considerando a perguntas posta, o objetivo deste artigo é observar como os fenômenos ligados à microtextualidade, em especial, ligações fundamentadas no implícito, atuam na construção argumentativa de um texto que circula nas redes sociais, considerando a importância das escolhas linguísticas na produção textual em uma sociedade em que as redes sociais dominam as interações humanas.

## 2 Desenvolvimento

O desenvolvimento apresenta três subseções. Na primeira, abordamos a argumentação sustentada pelas relações estabelecidas no nível da microtextualidade, destacando a importância da escolha das palavras na orientação argumentativa dos textos, articulando a questão das escolhas linguísticas para a construção textual a fundamentos da Teoria da Argumentação na Língua, postulada por Ducrot e seus seguidores; na segunda, discorreremos sobre a importância dos implícitos para a construção textual no nível da microtextualidade e focalizando as relações intertextuais, inclusive as implícitas, como fenômeno importante para o estabelecimento de ligações textuais desde esse nível e, em especial, nas redes digitais; na terceira, apresentamos um estudo de caso, expondo a análise argumentativa baseada nas ligações asseguradas no nível da microtextualidade, com foco na escolha das palavras e nas relações intertextuais em um *post* do *Instagram*.

### 2.1 Conectividade semântico-argumentativa na microtextualidade: a escolha das palavras

Temos defendido em publicações anteriores (Cabral, 2013a, 2013b, 2016, 2017) que a construção do todo textual se realiza pelas escolhas linguísticas, as quais são resultado de escolhas do produtor conforme suas intenções frente a seus possíveis leitores. Essa postura teórica apoia-se em dois pressupostos. O primeiro deles tem a ver com o caráter interacional do uso da linguagem e, pois, da produção textual, que envolvem, conforme Kerbrat-Orecchioni (1998 [1990]), uma troca de propósitos. A interação implica uma tomada de posição frente ao outro e frente aos conteúdos enunciados (Kerbrat-Orecchioni, 1997 [1980]). O segundo diz respeito à argumentação como fenômeno intrínseco às interações verbais e, portanto, à produção textual. A argumentação implica decisões por parte do produtor do enunciado a fim de atender, conforme Anscombre e Ducrot (1997), seu desejo de provocar algum efeito sobre o outro. Conforme esses autores, a argumentação está presente nas palavras e nas construções linguísticas, ou seja, nas escolhas linguísticas, a quais orientam a continuidade do discurso.

Ducrot e seus seguidores interessam-se pela orientação argumentativa que as palavras conferem ao discurso. Seus estudos enfocam especialmente algumas expressões linguísticas cuja utilização discursiva está sujeita a restrições impossíveis de se deduzir de seu valor informativo apenas (Cabral, 2013a, p. 185).

É o caso, por exemplo, do conector “mas”, cujo emprego, segundo Ducrot (1981), indica que se argumenta a favor do segundo segmento enunciado, ou seja, do que segmento que vem à direita de “mas”. Conforme Ducrot (1981), o mas indica uma oposição entre as conclusões para as quais cada um dos segmentos de um enunciado ligados por “mas” aponta. Segundo o pesquisador, a língua impõe restrições ao uso do “mas”, a quais, lembramos, têm consequências para a coerência do texto; por esse motivo, depois de “mas”, não se pode afirmar qualquer coisa, pois a continuidade do discurso deve atender a uma oposição entre conclusões.

Com base no postulado de que as palavras da língua trazem argumentações, orientando os sentidos, o que nos permite afirmar que a construção textual se fortalece e se concretiza pelas escolhas linguísticas operadas pelo produtor do texto. As escolhas lexicais, segundo Ducrot (1995), permitem “reforçar, atenuar, ou mesmo inverter a força argumentativa dos predicados de um enunciado” (Cabral, 2013a, p.187), elas modificam a orientação argumentativa dos enunciados. Entre essas possibilidades, entre as palavras a cujo estudo Ducrot (1981) dedicou-se, destacamos

“pouco”, palavra à qual Ducrot opõe a expressão “um pouco”. A troca da palavra pela expressão conduz à inversão da orientação argumentativa do enunciado, o que, segundo Ducrot (1995), pode equivaler a uma negação, orientando-o para conclusões opostas.

Relativamente à argumentação marcada na língua, Anscombe e Ducrot (1997) abordam a natureza argumentativa do operador “mesmo”, que, segundo eles, para além de valor intensificador, põe em destaque determinado argumento acompanhado de “mesmo”, defendendo que “mesmo” tem fundamentalmente um valor argumentativo, o que indica que “mesmo” diz respeito à “existência de uma organização argumentativa inscrita na língua” (Anscombe; Ducrot, 1997, p. 58).

## 2.2 Implícitos e argumentação: o papel da Intertextualidade

Os implícitos na construção textual têm a ver com o fato de que nenhum texto traz todas as informações ditas de forma clara. Ao contrário, o texto é composto de muitas lacunas para cuja reconstrução o produtor conta com a colaboração de seus leitores. Coirier, Gaonac’h e Passerault (1996), que estudam o texto de um ponto de vista psicolinguístico, observam ser fundamental para a leitura e para a escrita a reconstrução inferencial de informações implícitas.

Os implícitos desempenham um papel fundamental na argumentação. Lembramos, com Cabral (2018), que não apenas o que se diz, mas também o modo como se diz, e também as lacunas do nosso dizer têm a ver com argumentação, que se constrói por meio de decisões do produtor as quais envolvem escolhas linguísticas para cumprir um objetivo enunciativo e, ao mesmo tempo, resguardar suas intenções, protegendo-o de protestos (Cabral, 2021). A exploração dos implícitos de um texto auxiliam o leitor a identificar os objetivos argumentativos do produtor. Adam (2021 e 2022) propõe algumas categorias para a análise dos implícitos na microtextualidade, consideramos igualmente importantes para a análise da argumentação; entre essas categorias, destacamos, como fundamentais para o estudo dos discursos que circulam nas redes sociais, os pressupostos, os subentendidos e a intertextualidade.

Os conceitos de pressuposto e de subentendido foram amplamente explorados por Ducrot (1977, 1984). Segundo o autor, “muitas vezes temos a necessidade de, ao mesmo tempo, dizer certas coisas e poder fazer como se não as tivéssemos dito; de dizê-las de tal forma que possamos recusar a responsabilidade de tê-las dito” (Ducrot,

1977, p. 13). Além disso, conforme lembra o autor, os implícitos permitem ao produtor proteger-se de críticas, uma vez que a construção dos seus sentidos fica por conta do interlocutor, ou leitor. Três tipos de conteúdos devem ser considerados no estudo dos implícitos, conforme Ducrot (1984): o posto, o pressuposto e o subentendido. Segundo o autor, o conteúdo posto corresponde ao que é afirmado pelo produtor do enunciado; o subentendido é o que o produtor deixa para que seu leitor conclua; e o pressuposto é o conteúdo que o produtor apresenta como sendo do domínio seu e de seu leitor, conjuntamente. O emprego de um conteúdo pressuposto implica, pois, um entendimento entre produtor e leitor, coloca ambos em diálogo.

Relativamente à intertextualidade, Adam (2021) ensina que a leitura de um texto não ocorre isoladamente, ou seja, é necessário recorrer a uma cadeia intertextual de discurso seja do mesmo produtor, seja de outros. Por isso, as relações intertextuais constituem uma estratégia para a conectividade textual na estrutura micro textual baseada em ligação fundamentada no implícito postulada pelo autor (Adam, 2021, 2022). Há por assim dizer, uma intertextualidade inerente a todo texto, embora nem sempre ela seja explícita. Nas redes digitais esse fato é sobretudo verdadeiro, uma vez que a própria noção de rede subentende um conjunto de relações intertextuais. Com efeito, o próprio princípio de rede tem a ver com as múltiplas relações que os textos e documentos em geral que circulam na Web se relacionam, remetem-se uns aos outros, citam-se. Há, pois, um diálogo necessário entre os textos, lembrando, com Bakhtin (1977), que o texto ganha vida apenas em contato com outros textos.

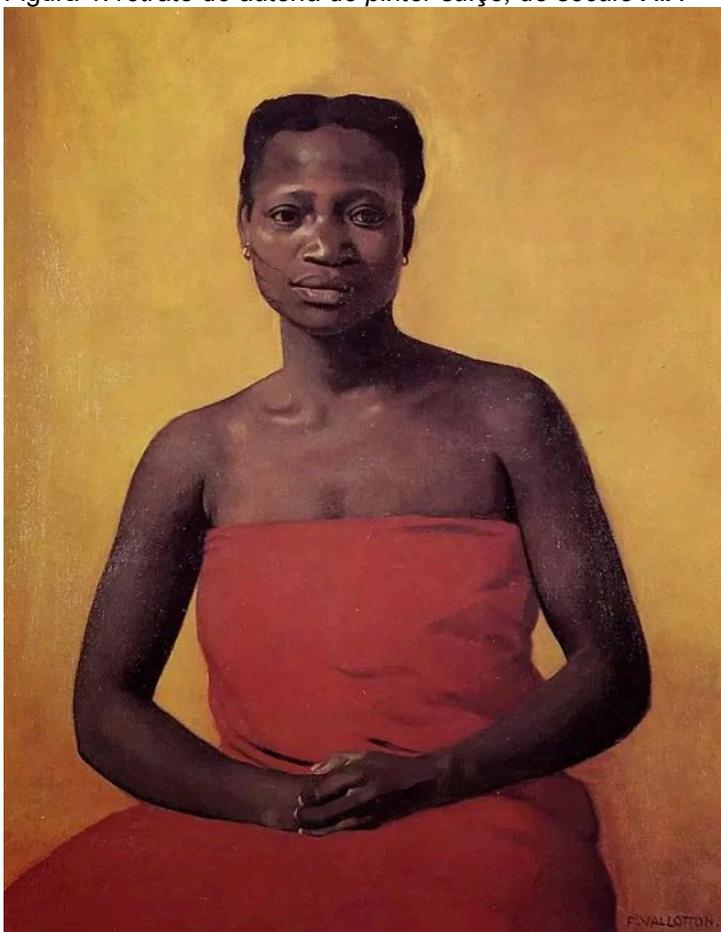
Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p.17) ensinam que a intertextualidade acontece “quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade”. Vale observar que essa inserção nem sempre acontece explicitamente; muitas vezes ela acontece sem a menção ao texto fonte, o que é bastante usual na rede. Trata-se de intertextualidade implícita, a qual cabe ao leitor identificar, buscando relações com outras fontes. O recurso da intertextualidade tem uma função argumentativa importante, seja para reforçar um ponto de vista ou um conteúdo, seja para ilustrar um argumento, seja para discordar do texto trazido para o diálogo. Esse caráter argumentativo da intertextualidade é também observado pelas autoras mencionadas.

### 2.3 Estudo de caso: escolhas linguísticas, implícitos e intertextualidade na construção argumentativa de um *post* do *Instagram*

A antropóloga, historiadora e também professora da Universidade de São Paulo (USP) e da *Princeton University*, além de ser curadora do Museu de Arte de São Paulo (MASP), Lilia Moritz Schwarcz, tem um perfil no *Instagram*, com 537 mil seguidores (13/12/2023), no qual noticia e comenta, com um olhar crítico, fatos mundiais e nacionais de interesse social.

No dia 25 de julho de 2023, a antropóloga publicou em seu perfil do *Instagram*, um post com a foto de uma tela do século XIX, disponível na Internet<sup>1</sup> e conhecida como o retrato de Tereza de Benguela:

Figura 1: retrato de autoria de pintor suíço, do século XIX



Fonte: Website Blend Edu

Sobreposto à imagem da tela, a historiadora inseriu o seguinte texto: “Hoje é dia de Tereza de Benguela. Viva. O retrato que vocês vêem nessa pintura foi feito por um

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.blend-edu.com/nesse-25-de-julho-saiba-quem-foi-tereza-de-benguela/>  
Acesso em: 04 nov. 2024.

pinto suíço do século XIX. Provavelmente não é dela, mas pouco importa. A imaginação não pede licença ou passagem”.<sup>2</sup>

O texto que se sobrepõe ao retrato de uma mulher negra traz duas informações e duas considerações da *Instagrammer* e historiadora. Informa que, no dia da publicação do *post*, comemorava-se Tereza de Benguela – *hoje é dia de Tereza de Benguela* – e informa que o retrato que aparece no *post* foi pintado no século XIX.

Tereza de Benguela foi uma líder quilombola que viveu e liderou o Quilombo do Piolho, localizado às margens do rio Guaporé, na cidade de Vila Bela da Santíssima, situada no atual Estado de Mato Grosso. O conhecimento prévio do leitor que conhece a história dos quilombos, ou, alternativamente, uma busca na Web que conduza a esse conhecimento permite inferir, junto com Lilia, uma terceira informação que não é dita, trata-se de um subentendido pela informação anterior: *Provavelmente não é dela*. De fato, como Tereza de Benguela viveu em 1700, ou seja, no século XVIII, e o quadro foi pintado no século XIX, quem o pintou não a conheceu.

O enunciado sobreposto à imagem traz ainda dois comentários da *Instagrammer*, com os quais ela tece uma avaliação sobre as informações mencionadas, fazendo uma ligação entre elas: *Mas pouco importa. A imaginação pede passagem*.

Cabe observar como funciona, argumentativamente, o enunciado da *Instagrammer* sobreposta ao quadro em seu *post*.

O segmento “Hoje é dia de Tereza de Benguela” remete a aniversário e argumenta a favor de uma conclusão “merece comemoração”. A presença da interjeição “VIVA”, logo a seguir a essa informação, confirma essa argumentação. De fato, trata-se de uma data comemorativa: 25 de julho, no Brasil, é o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra.

O seguimento textual subsequente, “Provavelmente não é dela. Mas pouco importa”, traz uma outra argumentação. É possível afirmar que a afirmação “Provavelmente não é dela” atenua a magnitude do retrato, atribuído a Tereza de Benguela, o que faz desse segmento um argumento em favor da invalidação da homenagem que o retrato pode representar. Lilia, no entanto, complementa com o comentário “Mas pouco importa”. É possível avaliar que, com esse comentário, a

---

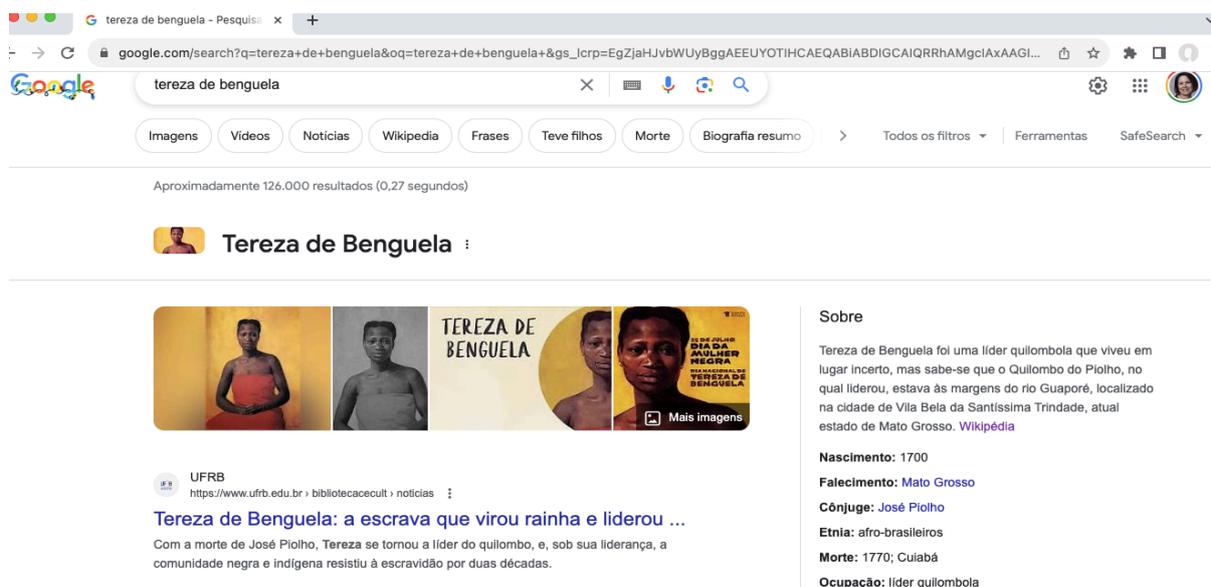
<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CvJG1bONuxj/>. Acesso em: 22 jul. 2023.

*Instagrammer* busca apresentar um argumento em favor da conclusão de que o retrato pode representar uma homenagem a Tereza de Benguela, retomando “Viva”, anteriormente enunciado. E a justificativa que vem depois do “mas” é “pouco importa”.

O modificador pouco aí tem uma função de inverter a orientação argumentativa, funcionando como uma negação. Pode-se afirmar que o comentário remete a todo o texto que acompanha o retrato.

Se, ao produzir o *post*, a intenção de Lilia é prestar uma homenagem a Teresa de Benguela, para alguns dos seguidores da *Instagrammer*, sua afirmação tem o valor de negar a importância de Tereza de Benguela, que pode ser qualquer uma, uma vez que não importa que se tome o retrato de outra para se dizer que é dela. Tereza fica assim desmerecedora de homenagem, para a ser uma desconhecida qualquer, a mulher do retrato, sem identidade. Essa é uma argumentação possível e assim foi lido por vários usuários, que manifestaram seu repúdio ao *post* da historiadora.

A exploração de alguns implícitos no *post* de Lilia nos permite compreender melhor as intenções da historiadora e avaliar de forma diferente seu *post*. O primeiro ponto a se destacar é que a utilização da pintura para representar Tereza de Benguela não foi uma escolha de Lilia, mas esse é um dado que está implícito no *post*. O leitor curioso poderá empreender uma busca na Web com o nome “Tereza de Benguela”, o que automaticamente o leva ao mesmo quadro do *post*, conforme atesta a figura 2, a seguir.

Figura 2: *Print* de tela – resultado de busca por “Tereza de Benguela”

Fonte: Ferramenta de buscas Google, 2023.

Por meio dessa busca, evidencia-se um movimento intertextual implícito no *post* de Lília, quando esta reproduz um quadro usualmente considerado ser o retrato de Tereza de Benguela. A historiadora, no entanto, corrige um equívoco que circula nas redes e que já se consolidou como verdadeiro.

Para além da intertextualidade presente no quadro, há, no *post*, um texto da própria *Instagrammer*, como comentário inicial, esclarecendo alguns detalhes históricos sobre o quadro e sobre Tereza de Benguela e trazendo outros conteúdos implícitos que vale explorar. Reproduzimos a seguir o comentário inicial de Lília:

liliaschwarcz Hoje é dia de Tereza de Benguela. Depois das guerreiras dos mocambos de Palmares no século XVII, a liderança feminina mais conhecida dos quilombos coloniais foi Tereza de Benguela, a rainha Tereza do Quarité. Pouco se sabe sobre ela. Africana escravizada, talvez tenha chegado as áreas de mineração por volta de 1730 e deve ter vindo da África Ocidental, provavelmente da Alta Guiné.

Segundo registros, Tereza era princesa ou “mulher com distinção” ao sair dos sertões africanos e teria se juntado, em 1748, aos insurgentes do quilombo do Quarité. Visto como ameaça, o agrupamento era atacado pela polícia colonial, mas sempre ressurgia. Só em 1770 foi considerado extinto, quando acabaram capturados entre homens mulheres e crianças mais de 100 quilombolas, sendo que 30 eram indígenas. Imagens de realezas comandando quilombos não foram incomuns na extensa documentação colonial. Sobre a rainha Tereza os relatos diziam que com o ataque de 1770 ela teria sido capturada e depois se suicidou na prisão. Houve ainda descrições de como exercia seu poder pois “mandava enforcar, quebrar pernas e sobretudo enterrar vivos os que pretendiam vir por seus senhores”,

assim como “cuidava muito da agricultura dos mantimentos, e algodão, e havia duas tendas de ferreiro”. Era uma verdadeira rainha.

Agora um detalhe. Peço licença à Eliana Alves Cruz, que escreveu sobre a pintura, para também lembrar que essa imagem foi feita no século XIX por um artista acadêmico suíço chamado Félix Vallaton. Ele com certeza não retratou a personagem mas isso é o que menos importa. A tela leva o título genérico: “Femme noire assise de face” (mulher negra sentada de frente). Ela é estranha na produção do artista que faz mais retratos de paisagem e de pessoas europeias. A modelo também parece comportada demais e com uma escurificação que não é da sua nação. Mas bonito mesmo é ver como a imaginação não pede licença. A bela moça agora é Tereza de Benguela. Sempre foi. Com licença @eliaalvescruz (Shwarcz, 2023).

O texto do comentário inicial de Lilia, composto de três parágrafos, permite esclarecer alguns implícitos presentes no enunciado sobreposto à imagem do quadro. Os dois primeiros parágrafos expõem a história de Tereza de Benguela, sua origem, sua atuação no quilombo do Quariterê, seu estatuto de realeza, seu estilo de ação na liderança do quilombo. Pode-se inferir que se enuncia o conhecimento da historiadora ensinando a seus seguidores a história de Tereza de Benguela. Essa história traz como conteúdo subentendido a justificção da homenagem, pela força do fazer da homenageada e pela magnitude da resistência da personagem que foi Tereza de Benguela.

Vale retomar o terceiro parágrafo de forma mais detalhada, pois ele remete ao enunciado sobreposto ao quadro do *post*, esclarecendo alguns implícitos e argumentando em favor da homenagem, o que interessa a nossa análise e reflexão. O parágrafo se inicia com o enunciado “Agora um detalhe”. O marcador discursivo “agora” indica ao leitor a mudança de tópico no texto, apontando que a historiadora vai tratar de um ponto específico, de menor amplitude na magnitude de Tereza de Benguela. Assim, enquanto os parágrafos anteriores foram dedicados à história da homenageada, o terceiro parágrafo cuida especificamente do retrato, na sua relação com a homenageada. Os esclarecimentos relativos ao retrato são, conforme o dizer de Lilia, “um detalhe”, palavra que, conforme o dicionário diz respeito a “exposição circunstanciada; pormenor” (Houaiss; Villar, 2001, p. 1022). O sintagma funciona como marcador metadiscursivo de caráter argumentativo, por meio do qual a historiadora sinaliza para o leitor que vai expor o ponto a ser destacado. Vale dizer que qualquer conjunto se compõe de inúmeros detalhes, e o detalhe porventura apontado constitui aquele considerado mais importante, o qual deve ser observado de forma minuciosa. Essa argumentação está implícita na expressão “um detalhe”.

Para esclarecer e posicionar-se relativamente ao equívoco de atribuir o retrato a Tereza, Lilia cita a jornalista e escritora Eliana Alves Cruz, que publicou o mesmo quadro em seu *Instagram* com um texto em homenagem a Tereza de Benguela, no qual informa a autoria do quadro, conforme mencionou Lilia Schwarcz, e destaca, de forma bastante crítica, o fato de se utilizar o retrato de uma desconhecida como imagem de Tereza de Benguela. Vale destacar que, antes de citar, Lilia enuncia “peço licença a Eliana Alves Cruz”. Pedir licença tem como conteúdo subentendido que Lilia não apenas reconhece que Eliana realizou o *post* do quadro antes dela e que seu *post* é essencialmente intertextual ao da jornalista, mas também assume que Eliana, por ser negra, tem mais direitos sobre a questão abordada. É uma atitude que mostra respeito à jornalista, marcando, por meio de um subentendido, a intertextualidade.

Lilia cita também Eliana Cruz para informar que a obra é do século XIX, que Tereza viveu e morreu no século XVIII, e que o retrato, por consequência, não é dela. Com isso, o *post* de Lilia constrói também um diálogo intertextual explícito com o *post* de Eliana Cruz, que trata dessa questão. Lilia ainda explica a não identidade com a personagem com comentários acerca do estilo do artista, “que faz mais retratos de paisagem e de pessoas europeias” e com considerações acerca da própria modelo do quadro, que “também parece comportada demais e com uma escarificação que não é da sua nação”. Vale ressaltar o caráter dos comentários sobre a modelo, o primeiro, de caráter mais subjetivo, avaliando a aparência da modelo, “comportada demais”; o segundo expõe um dado objetivo, o tipo de escarificação sem relação com sua origem da homenageada. Parecer “comportada demais” como justificativa para que a modelo não seja Tereza de Benguela tem como conteúdo pressuposto que Tereza não era comportada, remetendo, também de forma implícita, a seu histórico de luta e resistência anteriormente exposto no comentário de Lilia. Conforme mencionado no comentário, Tereza “mandava enforcar, quebrar pernas e sobretudo enterrar vivos os que pretendiam vir por seus senhores”, o que revela um comportamento que não a enquadra na predicação “comportada”.

O emprego do “Mas” para iniciar o enunciado seguinte, subsequente a considerações sobre a modelo do quadro na sua relação com Tereza de Benguela prepara o leitor para uma nova direção no discurso da *Instagrammer* e aponta que o que virá a seguir é, para ela, a conclusão que o leitor deve levar em consideração, o que ela considera ser seu ponto de vista, uma vez que, conforme observamos no subitem 2.1, o conector “mas” argumenta em favor do seguimento que está à direita.

Assim, o encerramento do texto vem a serviço de reforçar o posicionamento da *Instagrammer* no *post*: o quadro, embora não seja um retrato da própria Tereza de Benguela, representa sua pessoa e serve para homenageá-la, o que, segundo a *Instagrammer*, deveu-se à imaginação de quem, em algum tempo, que ela não especifica, começou a utilizar essa imagem para representar Tereza de Benguela.

Vale observar a avaliação positiva da utilização, fruto da imaginação, qualificada com um ato “bonito”, não apenas bonito, mas bonito “mesmo” marcador discursivo que, para além da intensificação, marca um posicionamento argumentativo da *Instagrammer*, colocando em destaque o seguimento sobre o qual recai a avaliação do adjetivo “bonito”, ou seja, “a imaginação não pede licença”, que intertextualiza com o próprio *post* sobre o qual o comentário trata, retomando-o. Vale observar que esse mesmo enunciado encontra-se no fechamento do texto que se sobrepõe ao quadro.

Destacamos, ainda, como escolha linguística importante, o marcador temporal “agora”, que, no comentário, extrapola o sentido temporal trazendo um conteúdo pressuposto importante do ponto de vista dos sentidos argumentativos. O marcador temporal “agora” traz como conteúdo posto que algum fato ocorre em simultâneo com o momento da enunciação e pode ter como conteúdo pressuposto que, em momento anterior, esse fato não ocorria. Além disso, o marcador temporal presentifica o fato enunciado, estabelecendo-o como verdade. Assim, ao dizer que “A bela moça agora é Tereza de Benguela”, Lilia atribui validade à utilização do retrato, o que orienta em favor da sua utilização como forma de homenagear Tereza de Benguela. Fiorin (1996) postula que o presente do indicativo pode ser utilizado para afirmar verdades que consideramos eternas. O enunciado seguinte, reforça essa argumentação: “Sempre foi”. O advérbio “sempre” eterniza a validade do retrato.

A *Instagrammer* finaliza seu comentário retomando a explicitação da intertextualidade, renovando seu pedido de licença, por meio da exposição da identidade digital da autora citada.

### 3 Conclusão

O estudo de caso realizado nos permitiu observar que a análise do *post* isoladamente pode conduzir a mal-entendidos e a leitura de outros textos relacionados permite desfazer. As relações intertextuais construídas tanto pela busca do nome Tereza de Benguela, que conduz ao retrato que foi utilizado no *post* de Lilia Schwarcz,

quanto pela citação do *post* da jornalista Eliana Cruz pela própria Lilia podem situar o leitor do *post* de Lilia em um outro ponto vista relativamente à argumentação da autora. Saber que o quadro tem sido utilizado como representativo de Tereza de Benguela atenua o valor negativo que “pouco importa” pode assumir no *post*. Também o diálogo entre os dois *posts*, o dela com o de uma jornalista Negra, que comenta o equívoco, ressaltando o fato de ser uma negra desconhecida no quadro, enquadra o *post* de Lilia em algum ponto de coincidência.

Além das relações intertextuais, as escolhas linguísticas operadas pela *Instagrammer* tanto na composição do texto escrito que se sobrepõe à imagem publicada no *post* quanto no comentário que amplia as informações sobre o retrato, explicando e justificando sua escolha, revelam um movimento argumentativo que busca conduzir a duas conclusões relacionadas: que Tereza de Benguela é merecedora da homenagem e que o retrato é pertinente para representá-la.

Ao fim desse breve estudo, podemos afirmar que os ensinamentos de Adam (2011, 2021 e 2022) com respeito a categorias para o estudo dos processos de ligação no nível microtextual evidenciam a importância das marcas linguísticas não apenas para a construção da unidade textual, mas também para a orientação argumentativa, evidenciando a pertinência do diálogo entre os postulados de Adam (2011, 2021, 2022) com os postulados da Teoria da Argumentação na Língua, cujos conceitos orientam a análise das possibilidades argumentativas que a língua oferece aos usuários da língua, tanto produtores de textos, na enunciação de seu dizer, quanto leitores, com pistas para a leitura das intenções do dizer do outro.

## **MICROTEXTUALITY AND THEORY OF ARGUMENTATION IN LANGUAGE: LINGUISTIC CHOICES, IMPLICIT AND INTERTEXTUALITY IN THE ARGUMENTATIVE CONSTRUCTION OF AN INSTAGRAM POST**

**Abstract:** The dynamic circulation of texts on social networks and the differences between the actors inherent to the textual production on this context, writer and reader, highlight the importance of choosing words, which articulate with each other and articulate the parts of the text (Adam, 2021, 2022) constructing the textual whole, which concerns microtextuality. The aim of the work is to observe how phenomena linked to microtextuality, especially connections based on the implicit, contribute to the argumentative construction of a text that circulates on social networks, considering the importance of linguistic choices. For this purpose, an analysis of an Instagram post is presented. The analysis focus on some markers of argumentation, implicit contents, and intertextuality, considering the categories proposed by Philippe and Adam (2015)

and reaffirmed by Adam (2021, 2022). The case study presented brings perspectives to the studies of argumentative textual construction in a society in which social networks dominate human interactions.

**Keywords:** Microtextuality; argumentation; linguistic choices; implicit; intertextuality.

## Referências

ADAM, Jean-Michel. *A noção de texto*. Tradução Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal: EDUFRRN, 2022.

Disponível em:

<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/44991>. Acesso em: 13 nov. 2023.

ADAM, Jean-Michel. Micronível, mesonível e macronível da estrutura textual. *Revista Letra Magna: revista de divulgação científica em língua portuguesa, linguística e literatura*, Cubatão, v. 17, n. 27, jan./jun. 2021. Disponível em:

<https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/issue/view/164/216>. Acesso em: 22 jun. 2024.

ADAM, Jean-Michel. *A Linguística Textual: introdução à Análise Textual dos Discursos*. Tradução Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da Silva Neto; Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. Revisão técnica João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2011.

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *L'argumentation dans la langue*. Liège: Mardaga, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Le marxisme et la philosophie du langage: essai d'application de la méthode sociologique en linguistique*. Tradução Marina Yaguello. Paris: Minuit, 1977.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Aula XIII A pressuposição na ADL. In: BEHE, Louise; CAREL, Marion; DENUÇ, Corentin; Machado, Julio Cesar [Orgs.] *Curso de semântica argumentativa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, p. 153-168.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Ducrot. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (org.) *Estudos do Discurso perspectivas teóricas*. São Paulo, Parábola, 2013a. p. 183-208.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Linguística Textual e Teoria da Argumentação na Língua: texto e língua em diálogo. In: CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria. *Linguística Textual: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Labrador, 2017. p. 239-259.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. O conceito de plano de texto: contribuições para o processo de planejamento da produção escrita. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 241–259, 2013. DOI: <https://10.11606/issn.2236-4242.v26i2p241-259>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/64266>. Acesso em: 13 nov. 2023.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Perspectivas da análise textual dos discursos para a prática de escrita argumentativa na escola: planos de texto, sequências textuais e estratégias linguísticas nas redes sociais. *In*: GOMES, Alexandro Teixeira; PASSEGGI, Luis; RODRIGUES, Maria das Graças Soares. *Análise Textual dos Discursos: perspectivas teóricas e metodológicas*. Coimbra: Gracio, 2018. p.93-109.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Texto e Argumentação nas Redes Sociais: planos de texto, sequências textuais e estratégias linguísticas. *In*: FERREIRA, Fernando Aparecido; LUDOVICE, Camila de Araújo Beraldo; PERNAMBUCO, Juscelino. *O texto: processos, práticas, abordagens teóricas*. Franca: Unifran, 2016. p. 143-168.

COIRIER, Pierre; GAONAC'H, Daniel; PASSERAULT, Jean-Michel. *Psycholinguistique textuelle: une approche cognitive de la compréhension et de la production des textes*. Paris: Armand Colin, 1996.

DUCROT, Oswald. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit, 1984.

DUCROT, Oswald. Les modificateurs déréalisants. *Journal of Pragmatics*, [S.L.], v. 24, n. 1-2, p.145-165, jul. 1995. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/037821669400112R>. Acesso em: 22 jun. 2024. DOI: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(94\)00112-R](https://doi.org/10.1016/0378-2166(94)00112-R).

DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

FERRAMENTA DE BUSCAS GOOGLE. Tereza de Benguela. 2023. Disponível em : [https://www.google.com/search?q=tereza+de+benguela&oq=tereza+de+&gs\\_lcrp=EgZjaHJvbWUqDQgAEAAAY4wIYsQMYgAQyDQgAEAAAY4wIYsQMYgAQyCggBEC4YsQMYgAQyBggCEEUYOTIQCAMQLhivARjHARiABBiOBTIHCAQQLhiABDIHCAUQLhiABDIHCAYQABiABDIGCacQRRg9qAIAAsAIB&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=tereza+de+benguela&oq=tereza+de+&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqDQgAEAAAY4wIYsQMYgAQyDQgAEAAAY4wIYsQMYgAQyCggBEC4YsQMYgAQyBggCEEUYOTIQCAMQLhivARjHARiABBiOBTIHCAQQLhiABDIHCAUQLhiABDIHCAYQABiABDIGCacQRRg9qAIAAsAIB&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em: 13 nov. 2023.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Les interactions verbales 1*. Paris: Armand Colin 1998 [1990].

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'énonciation*. Paris: Armand Colin, 1997 [1980].

KOCH, Ingedore Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PAVEAU, Marie-Anne. En navigant en écrivant. *In*: ADAM, Jean-Michel. (Dir.) *Faire Texte* Frontières textuelles et opérations de textualisation. Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2015. p. 337-353.

PHILIPPE, Gilles; ADAM, Jean-Michel. Continuité et textualité. *In*: ADAM, Jean-Michel. (Dir.) *Faire Texte*: frontières textuelles et opérations de textualisation. Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2015. p. 36-80.

SWARCZ, Lilia Moritz. *Hoje é dia de Tereza Benguela*. São Paulo, 25 jul. 2023. Instagram : @liliaschwarcz. Disponível em : <https://www.instagram.com/p/CvJG1bONuxj/>. Acesso em: 13 nov. 2023.

*Recebido em 18/12/2023*

*Aceito em 08/06/2024*

*Publicado em 25/11/2024*